

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

4/5



Edições  
*Colibri*

◁▷↖↗⊕⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿⋀⋁⋂⋃⋄⋅⋆⋇⋈⋉⋊⋋⋌⋍⋎⋏⋐⋑⋒⋓⋔⋕⋖⋗⋘⋙⋚⋛⋜⋝⋞⋟⋠⋡⋢⋣⋤⋥⋦⋧⋨⋩⋪⋫⋬⋭⋮⋯⋰⋱⋲⋳⋴⋵⋶⋷⋸⋹⋺⋻⋼⋽⋾⋿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓒⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓚⓛⓜⓝⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿

**CAROLE REEVES**, *Egyptian Medicine*, Shire Egyptology, 15, Shire Publications Ltd, Princes Risborough, 1992, 72 pp., ISBN 0-7478-0127-4

Mais um número da variada série Shire Egyptology editada por Barbara Adams apareceu, desta feita o nº 15 de um conjunto de títulos de desigual interesse e importância. A sua autora, a britânica Carole Reeves, não é propriamente uma egiptóloga, e tal facto acaba por ser notado, aqui e além, devido a alguns deslizes que, no entanto, não maculam de todo este pequeno livro de temática médica. O breve texto que na contracapa nos apresenta a Autora assevera que ela é uma experiente ilustradora de obras médicas, qualificada pelo Institute of Incorporated Photographers Medical Final (1976). Membro do Institute of Medical Illustrators e do British Institute of Professional Photography, Carole Reeves foi premiada em 1981 com o Keith Simpson Editorial Award atribuído pelo *Journal of Audio-visual Media in Medicine*, e foi co-autora (com John L. Thornton) de *Medical Book Illustration – A Short History*.

As pp. 7-8 fornecem aos leitores uma sucinta cronologia de apoio, baseada em William J. Murnane (*The Penguin Guide to Ancient Egypt*, 1983), com o senão de apresentar reinados demasiado longos para Amen-hotep II (1453-1419) e Tutmés IV (1419-1386), o que se vem naturalmente a reflectir na arrumação do restante tempo e reinados do Império Novo (cf., entre outros, Sir Alan Gardiner, *Egypt of the Pharaohs*, Oxford, 1961, p. 443; Jean Leclant, dir., *Les Pharaons*, II, Paris, 1979, p. 320).

Após o capítulo introdutório (pp. 9-10), vem o segundo dedicado à saúde e à higiene (2. "Health and Hygiene", pp. 11-20), tratando de questões alimentares, problemas com a dentição, doenças venéreas e a gravidez. A preocupação com os elementares hábitos de higiene pode ser sintetizada na afirmação de que "rich and poor washed frequently and before every meal" (p. 18).

Os médicos egípcios, com toda a sua reputação de sábios (e de mágicos), são bem evocados em "The Medical Profession" (pp. 21-31). Conhecemos os nomes de uns cem médicos, pelos menos aqueles que nos textos funerários indicaram a sua profissão, pois nem todos o fizeram. São salientados os prestigiados nomes de Imhotep, Hesiré (ambos da III dinastia), além de Iri, Sekhetenankh (que aqui aparece na desusada forma de Sekhet-n-Ankh), e, já na XXVII dinastia, surge o conhecido Udjahorresenet com a estranha grafia de User-hor-Resinet (p. 31). De registar ainda a presença de Peschet, uma mulher que em finais da IV dinastia

se apresenta como superintendente das médicas (*imirat sunut*). O médico, o *sunu* (*swnw*, mas que a Autora transcreve como *sinu*, preferindo a forma do Império Antigo), trabalhava sob a tutelar inspiração de Sekhmet e de outras divindades ligadas de algum modo aos cuidados médicos, como Taueret e Hathor, mencionadas no texto (p. 22), a que poderíamos juntar outros deuses que aqui não são contemp'ados, como Tot e Anúbis. São ainda evocadas as divindades que, juntamente com os quatro filhos de Hórus, estavam vocacionadas para a protecção mágica e profiláctica de determinadas partes do corpo humano: Ísis e Imseti cuidavam do fígado; Néftis e Hapi protegiam os pulmões; Neit e Duamutef zelavam pelo estômago; Serket e Kebehsenuf encarregavam-se dos intestinos. Na Casa de Vida (*perankh*) existente junto dos maiores templos do Egípcio (e, acrescente-se, também adstrita ao palácio real) ensinava-se medicina (pp. 22-23), e alguns templos, como os de Dendera, Deir el-Bahari e Filé, "were also used for therapeutic purposes during the Greek and Roman Periods" (p. 23). A operação de circuncisão é evocada com base no famoso baixo-relevo da mastaba de Ankhmahor (Império Antigo), que se reproduz na p. 29. Segundo o escritor grego Estrabão também as raparigas egípcias eram circuncidadas (excisão), mas a verdade é que nas múmias femininas observadas não se detectou tal prática (p. 30).

Segue-se o capítulo 4, dedicado a "Diseases and Deformities" (pp. 33-48), mostrando que o aturado estudo das múmias acabou por revelar aos especialistas as doenças que apoquentavam os antigos Egípcios: tuberculose, bilharziose, esquistosomiase, hipertrofia genital, ginecomastia, arteriosclerose, obesidade, o mal de Pott (de que foi vítima o sacerdote Nesipaheran, da XXI dinastia), varíola (causa da morte do faraó Ramsés V), doenças da pele, artrite e outras doenças ósseas (cita-se o caso de uma dama da XXI dinastia, Nesitanebetacheru, cuja múmia revelou os seus padecimentos devido a problemas ósseos), oftalmias, e ainda outros males como a poliomielite (de que é exemplo o faraó Siptah, da XIX dinastia). Quanto à lepra, vinda da Índia, foi introduzida no Egípcio pelos soldados de Alexandre em finais do século IV a. C., sendo por isso desconhecida nos tempos faraónicos. Depois de se referir a vários anões cujas imagens a estatuária preservou (Seneb é o caso mais conhecido, com gravura na p. 44), detém-se a Autora sobre as deformações físicas de Akhenaton, avultando de entre elas a ginecomastia o qual seria detectável também nos seus herdeiros Semenkhkaré e Tutankhaton-Tutankhamon (pp. 46-48).

Numa obra desta natureza seria obrigatória uma alusão aos vários textos conhecidos pela designação de “papiros médicos”, os quais se conservam em diversos museus e instituições universitárias. De facto, eles são apresentados, com a evocação do seu achador, tradutor e editor, e sumariamente descritos no capítulo 5: “The Medical Papyri” (pp. 49-54). É assim que nos surge o notável *Papiro Ebers* (o maior dos papiros médicos até hoje achados, contendo centenas de receitas), o *Papiro Edwin Smith* (mostrando uma especial preocupação com feridas e fracturas), o *Papiro Ginecológico de Kahun* (que, como o próprio nome indica, aborda doenças das mulheres e questões relacionadas com a gravidez e o parto), o *Papiro de Berlim* (mas convinha explicitar qual deles, dado que na capital alemã guardam-se dois papiros de temática médica, o *Papiro de Berlim 3038* e o *Papiro de Berlim 3027*; no presente caso trata-se do nº 3038, que foi encontrado em Sakara por Heinrich Brugsch, e apresenta várias receitas), o *Papiro Chester Beatty VI* (que contém uma lista de remédios e trata de doenças do ânus), o *Papiro de Londres* (a que se devia acrescentar, dado que o British Museum tem milhares de papiros, o número 10059, contendo uma lista de receitas) e o *Papiro Hearst* (com mais de duzentas receitas), além de outros menos conhecidos como o *Papiro de Carlsberg VIII* (que se preocupa com as doenças dos olhos e problemas do parto, entre outros aspectos), e dois dos papiros encontrados na zona do templo funerário de Ramsés II, o *Papiro do Ramesseum IV* (de carácter mágico-religioso, trata de obstetrícia e ginecologia) e o *Papiro do Ramesseum V* (exclusivamente médico, abordando questões relacionadas com a rigidez dos membros). O capítulo vai terminar com uma conclusão conhecida: os textos de vários papiros que tratam de prognósticos e prescrições de obstetrícia são tão semelhantes que devem ter tido origem numa única fonte (p. 54).

Em “*Drugs and the Prescription*”, tema que constitui o proveitoso capítulo 6 (pp. 55-61), ficamos a saber que a mandrágora era muito apreciada devido às suas propriedades afrodisíacas. Deveras utilizados eram o extracto de abeto, o incenso, aloés, plantas medicinais (não só as que se cultivavam no Egipto mas outras vindas do estrangeiro), pigmentos, mel, entre outros produtos. Todos eles, mais a urina e excrementos, entravam na composição de vários preparados da farmacopeia. O capítulo termina com uma alusão ao *udjat*, o profiláctico e benfazejo olho de Hórus, com as suas divisões fraccionárias, sendo apresentado o moderno *R* da prescrição ou de receita (latim: *Recipe*; em egípcio: *chesau*),

como “descendente directo” do símbolo *udjat*. Trata-se de uma ideia que foi construída em tempos modernos e por isso tal artificialismo, embora engenhoso e apelativo, não poderá ser interpretado como uma herança directa do *udjat* hórico.


Segue-se um mapa do Egipto (p. 63), mostrando os locais mencionados na Obra, onde a localidade de Dendara não corresponde à Dendera da p. 63, e Deir el-Bahari é diferente da Deir el-Bahri das pp. 23-24.

O tema propriamente dito é assim apresentado em seis capítulos, os quais têm por complemento outros três destinados a apoiar o leitor menos versado no léxico médico (7. “Glossary of medical terms”, pp. 63-66), indicando obras para uma leitura mais empenhada (8. “Further reading”, pp. 67-68) e fornecendo uma lista de museus que possuem nos seus acervos egiptológicos materiais relacionados com a temática médica (9. “Museums”, pp. 69-70). Quanto aos conselhos bibliográficos, não seria de todo descabido acrescentar à lista a obra de Henry E. Sigerist, *A History of Medicine. I: Primitive and Archaic Medicine*, Oxford University Press, Galaxy Book, Nova Iorque, 1967; no tocante aos museus poderia ser incluído para a Itália, que só indica o Museu Arqueológico de Florença, também o Museu Egípcio de Turim. A Obra termina com o índice (pp. 71-72).

Um bom lote de mais de sessenta ilustrações, que estão enumeradas nas pp. 5-6, documentam bem a matéria exposta. Merecem justa referência os belos hieróglifos desenhados por Helena Jaeschke... só que a Autora cometeu alguns erros na sua interpretação. Não se entende a aligeirada interpretação da palavra *nepapa* (p. 28), correspondente a palpitação (do coração), que se apresenta como

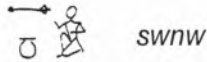
 np3p3

sendo estabelecida uma errada relação entre as aves presentes no vocábulo, as “fluttering birds”, e o significado da palavra (“flutter”); ora acontece que as duas bilíteras *p3*, aqui desdobradas, são apenas signos fonéticos, não são, neste caso, ideogramas, nem estão presentes pelo facto de as aves estarem a bater as asas! Quanto ao determinativo da palavra *ud*, com o significado de fractura (p. 28),

 ...wd

é formado, de acordo com Sir Alan Gardiner (*Egyptian Grammar*, p. 538), por dois paus cruzados e não, como a Autora pretende, “two

crossed bones”, para inocentemente justificar a presença do signo × numa palavra de âmbito médico (p. 28). Também se excede na interpretação de *sunu* (p. 22):



É abusivo, e talvez até disparatado, concluir que a palavra *sunu* (médico) “was written showing the man, the pot of medicine and the lancet” (p. 22). Os signos  $\longleftrightarrow$  e  $\overline{\text{U}}$ , que Carole Reeves pretende reinterpretar como materiais médicos, são aqui apenas a tríltera *sun* ( $\longleftrightarrow$  *swn*, com a prosódia de *sin* ou *zin* durante o Império Antigo) e a bilítera *nu* ( $\overline{\text{U}}$  *nw*) dois signos fonéticos sem conotação ideográfica, como bem se pode concluir e aprender vendo a “Sign-list” de Sir Alan Gardiner na obra acima citada (signos T 11, na p. 512, e W 24, na p. 530). O signo  $\longleftrightarrow$  serve também para a construção de outros vocábulos como *sun* (comércio) ou *sunet* (preço), sem qualquer relação com a temática médica ou com a flecha, até porque o seu valor aqui é meramente fonético. Aliás, se a Autora tivesse consultado com atenção a *Egyptian Grammar* de Sir Alan Gardiner (que até menciona na bibliografia) ou *A Concise Dictionary of Middle Egyptian* de Raymond Faulkner (que nem cita) podia ter evitado estes dislates, pois sendo certo que “she has travelled extensively in Egypt and around the world collecting Egyptian medical material” (texto de contracapa), um maior rigor na metodologia só iria valorizar o trabalho.

Tanto opta pelos nomes segundo a forma egípcia (Khufu, Khaefre) como por versões helenizadas (Sesostris, Amenophis); não deixa de ser insólito o facto de aparecer no índice a transcrição egípcia de Amenhotep III (p. 71) e no texto se preferir Amenophis III, de inspiração grega (pp. 37 e 47), detectando-se a mesma incongruência com o nome do faraó Amen-hotep II (p. 30) que aparece também como Amenophis II (p. 8); a conhecida dama Nesitanebetacheru (XXI dinastia) surge aqui amarfanhada como Nesi-Tet-Nab-Taris (p. 41)! É certo que os autores deverão transcrever de acordo com as características prosódicas e ortográficas próprias do seu país, autonomizando-se em relação aos métodos e hábitos de outros países, mas tendo sempre em atenção que a nova forma deve acompanhar o mais de perto possível a original forma egípcia. E na obra em apreço isso não se passou em vários casos, mostrando como a Autora vogou ao sabor dos diversos originais consultados. Os leitores mais dados a temas egiptológicos darão pelas anomalias e certamente desculparão; os outros ganharão com a leitura do

livrinho, pois, tendo sido escrito, como os restantes volumes da colecção, sobretudo “for the student or interested layman” (texto de contracapa), ele constitui uma interessante iniciação ao estudo da medicina egípcia.

*Luís Manuel de Araújo*

**ANNA MARIA DONADONI ROVERI** (dir.), *Civilisation des Égyptiens*, 3 vols, Istituto Bancario San Paolo di Torino, Turim, 1988-1989 (cada um com 262 pp.)

Por ocasião do VI Congresso Internacional de Egiptologia, realizado em Turim (de 1 a 8 de Setembro de 1991), editou-se uma obra em três volumes dedicada à civilização egípcia e tomando como referência as muitas e valiosas peças do antigo Egipto existentes no Museu de Turim (Museo Egizio di Torino). É a versão francesa do original italiano de idêntico título, em boa hora editado para coincidir com o referido congresso, que aqui apreciamos. Ela foi publicada sob a direcção de Anna Maria Donadoni Roveri, directora do Museu Egípcio, e nela colaboraram muitos egiptólogos, com especial e compreensivo relevo para os especialistas italianos.

Os três volumes, não numerados, apresentam-se com os seguintes títulos:

- *La Vie Quotidienne*
- *Les Croyances Religieuses*
- *Les Arts de la Célébration*

Importará assinalar que o projecto editorial contou com o apoio do Istituto Bancario San Paolo di Torino, o qual, numa apreciável acção mecenática e no seguimento da criação de uma Fundação para a Cultura, as Ciências e as Artes, também suportou as obras de restauro do grande palácio barroco onde o Museu de Turim está instalado e apoiou a realização do VI Congresso Internacional de Egiptologia.

O primeiro volume da série tem por tema *La Vie Quotidienne*, com recolha iconográfica de Franco Lovera, Beppe Moiso, Gianluigi Nicola e Elisabetta Valtz, e foi traduzido por Massimo Patané. Abre com o contributo introdutório da directora da obra, Anna Maria Donadoni Roveri, apresentando-nos o notável acervo turinense: “Histoire d'une collection”